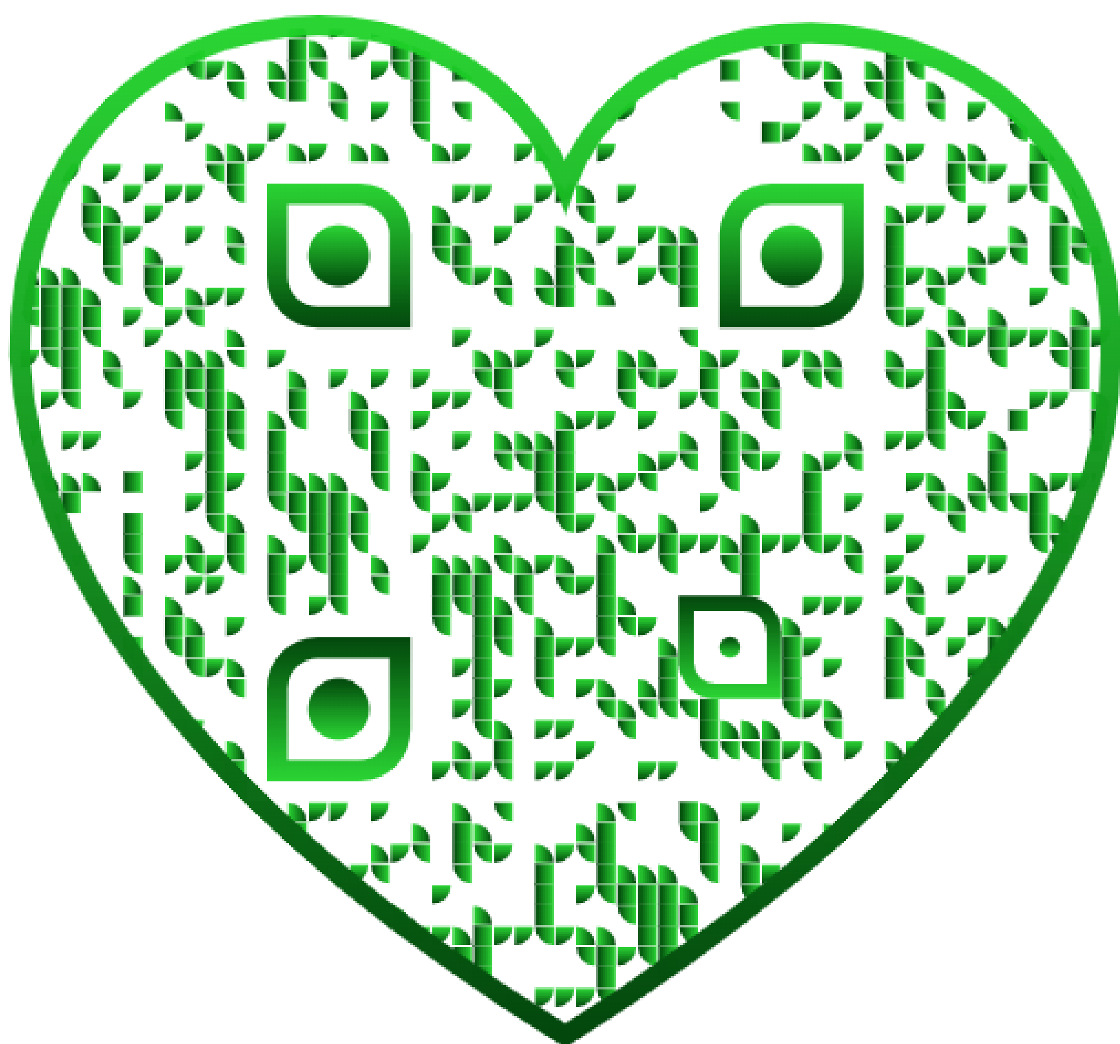
# O Tiro

*Aleksander S. Pushkin*



## I

Paramos na cidade de ***. Sabe-se o que é a vida de um oficial: de manhã, exercícios, instruções e manejo de armas; almoço na casa do comandante ou na taverna do judeu; à tarde, ponche e cartas. Em *** não havia nenhuma casa hospitaleira, nem jovem casadoura; assim, nos reuníamos uns nas casas dos outros, além dos nossos próprios uniformes, não víamos nada.

Um único civil freqüentava nosso grupo. Teria uns 35 anos e por isso era tido como velho. Dava-lhe a experiência, ao nossos olhos, grande prestígio. Além disso, sua habitual carranca, modos ríspidos e língua maldizente exerciam forte impressão em nossos espíritos juvenis.

Algum mistério envolvia o seu destino. Parecia russo, mas usava nome estrangeiro. Servira na cavalaria, com brilho até; mas, por motivo desconhecido, de repente pediu baixa e veio se estabelecer naquele lugarejo miserável, onde vivia, a um tempo, pobremente e com prodigalidade. Andava sempre a pé, trajando um velho casaco preto, mas, ao mesmo passo, mantinha mesa franca para todos os oficiais de nosso regimento. É verdade que o seu jantar consistia de dois ou três pratos preparados por um veterano; o champanha, porém, corria a jorros. Ninguém lhe conhecia a fortuna, nem as rendas, mas ninguém se atrevia a interrogá-lo a respeito. Tinha regular número de livros, na maioria obras militares, mas também alguns romances, que emprestava de boa vontade sem nunca os pedir de volta; tampouco devolvia os livros que lhe emprestavam. Seu principal exercício era o tiro de pistola. As paredes de seu quarto estavam crivadas de balas, todas fendilhadas, como favos de mel. Preciosa coleção de pistolas era todo o luxo da pobre casa em que vivia. Chegou a adquirir tão incrível habilidade que, caso se propusesse abater com uma bala o penacho de um capacete, nenhum de nós vacilaria em pôr a cabeça debaixo deste. Freqüentemente se falava em duelos. Sílvio (chamá-lo-ei assim) nunca tomava parte na palestra. Quando interrogado sobre se já lhe acontecera bater-se em duelo, respondia com secura, sem entrar em minúcias: via-se que tais perguntas não lhe agradavam. Supúnhamos que talvez lhe pesasse na consciência alguma infeliz vítima de sua terrível habilidade; porém, não nos passava pela cabeça que nele pudesse haver algo parecido com timidez. Há pessoas cujo aspecto basta para afastar suspeitas dessa ordem. Um acontecimento inesperado surpreendeu-nos.

Certo dia, almoçávamos uns dez oficiais em casa de Sílvio. Bebemos como de costume, isto é, muitíssimo. Após o almoço começamos a persuadir o dono da casa a que bancasse. Silvio, que não

jogava quase nunca, resistiu algum tempo; afinal, mandou trazer o baralho, atirou à mesa cinqüenta ducados e sentou-se para distribuir as cartas. Rodeamo-lo e principiou o jogo. Tinha ele por hábito manter-se em completo silêncio durante a partida, sem nada perguntar nem dar qualquer explicação. Se a um dos parceiros acontecia errar nos cálculos, ele de pronto lhe restituía o que recebera em excesso, ou anotava o excesso recebido pelo outro. Já sabíamos disso, e não o impedíamos de jogar conforme seu sistema, como bem entendesse. Havia entre nós, porém, um oficial transferido pouco antes para o nosso regimento. Este, jogando distraído, anunciou um tresdobro errado. Silvio pegou o giz e acertou a conta, segundo o seu hábito. Pensando que o banqueiro se enganara, o oficial entrou a explicar-se. Sílvio, sem responder, continuava a distribuir as cartas. Perdendo a paciência, o oficial tomou a esponja e apagou o que lhe parecia escrito a mais. Silvio retomou o giz e reproduziu a mesma anotação. Esquentado pelo vinho, pelo jogo e pelo riso dos colegas, o oficial julgou-se gravemente ofendido, agarrou com raiva um castiçal de cobre posto sobre a mesa, e arremessou-o contra Sílvio, que mal teve tempo de evitar o golpe, desviando-se com rapidez. Houve uma algazarra geral. Pálido de furor, Sílvio levantou-se e disse com os olhos cintilantes:

— Tenha a bondade de sair, senhor, e agradeça a Deus que isso haja acontecido na minha casa.

Não tínhamos a menor dúvida acerca das conseqüências e julgávamos nosso camarada um homem morto. O oficial saiu dizendo que estava pronto a responder pela ofensa como o senhor banqueiro julgasse conveniente. O jogo continuou ainda por alguns minutos; mas, sentindo que o dono da casa não tinha disposição para jogar, deixamo-lo, um após outro, e dispersamo-nos em direção aos nossos alojamentos, a conversar sobre a próxima vaga.

No dia seguinte, no manejo, já perguntávamos uns aos outros se o pobre tenente ainda vivia, quando ele próprio surgiu em nosso meio. Entramos sem demora a interrogá-lo. Respondeu que não tivera notícia de Silvio, o que muito nos espantou. Fomos à casa deste, e o encontramos no quintal atirando uma bala sobre outra numa carta de ás colada no portão. Recebeu-nos como de costume e evitou comentar sobre o acontecido da véspera. Três dias se passaram, e o tenente ainda vivia. Todos se perguntavam, admirados: — "Será que Silvio não quererá se bater?" Pois não se bateu. Deu-se por satisfeito com uma explicação fútil e reconciliou-se.

Esta atitude o prejudicou sobremodo na opinião da mocidade. O que os moços menos perdoam é a falta de coragem, pois geralmente vêem

na ousadia a principal das virtudes viris e a desculpa de todos os defeitos. Tudo, entretanto, aos poucos foi sendo esquecido e Silvio tornou a adquirir sua influência.

Só eu não pude reaproximar-me dele. Dotado de imaginação romântica, sentira-me atraído mais que os outros por aquele homem cuja vida constituía um mistério e que se me afigurava o herói de alguma história misteriosa. Ele gostava de mim; pelo menos eu era a única pessoa com quem ele punha de lado seu habitual tom áspero e sarcástico e palestrava sobre assuntos diversos, cordialmente e com graça. Porém, após aquela noite infeliz,, a idéia de que sua honra estava manchada e por sua própria vontade não fora lavada, essa idéia me largava e impedia-me de tratá-lo como dantes. Silvio, que muito inteligente e experimentado, não podia deixar de notar o meu procedimento e adivinhar-lhe os motivos, parecia magoado com ele. Ao menos duas vezes observei que desejava dar-me uma explicação, mas evitei as ocasiões e ele desistiu de procurá-las. Daí por diante, víamo-nos apenas em presença dos meus camaradas, e as nossas cordiais palestras de outrora nunca mais se repetiram.

Os habitantes da capital, viciados em distrações, não fazem idéia de muitas impressões bem conhecidas dos habitantes das aldeias e pequenas cidades, como, por exemplo, a espera do dia do correio. Às segundas e sextas-feiras o escritório de nosso regimento se enchia de oficiais: um aguardava dinheiro, outro cartas, outro jornais. De ordinário, as encomendas eram abertas ali mesmo, as notícias comunicadas aos colegas, e o escritório ficava muito animado. Silvio também mandava dirigir a sua correspondência para o nosso regimento e regularmente vinha buscá-la. Certa vez foi-lhe entregue uma encomenda, cujo lacre ele quebrou com visível impaciência. Percorrida a carta, seus olhos fuzilaram. Os oficiais, cada qual preocupado com a própria correspondência, nada perceberam.

— Senhores — disse Silvio —, há negócios que exigem a minha partida imediata. Partirei esta noite. Espero que não recusem meu convite para jantar comigo pela última vez. Aguardo-o também — acrescentou, dirigindo-se a mim. — Aguardo-o sem falta.

Com essas palavras saiu apressado, enquanto nós, ajustado que nos reuniríamos outra vez na casa dele, fomos cada qual para seu lado.

Cheguei à casa de Silvio na hora combinada, e ali encontrei quase todo o regimento. Tudo que Silvio tinha já estava empacotado; restavam apenas as paredes nuas, ostentando os buracos feitos pelos tiros. Sentamos. O dono da casa estava de muito bom humor, que em pouco tempo se comunicou a todos. Espocavam rolhas a cada minuto, copos

espumavam, o vinho crepitava sem parar, e todos nós com a maior cordialidade desejamos ao amigo boa viagem e todas as venturas. Levantamos da mesa já noite alta. Quando da procura dos quepes, Silvio, despedindo-se de todos, segurou-me pelo braço e reteve-me no momento exato que eu ia sair.

— Preciso lhe falar — disse-me.

Fiquei.

Os outros se foram e nós dois permanecemos sós, sentados um diante do outro a cachimbar em silêncio. Silvio parecia embaraçado. Da alegria convulsiva de pouco antes não havia o menor vestígio. Sua sinistra palidez, seus olhos fuzilantes e a espessa fumaça que lhe saía da boca davam-lhe um ar diabólico. Passaram-se alguns minutos, até que ele quebrou o silêncio.

— Talvez nunca mais nos vejamos — disse-me —, mas, antes de nos separarmos, queria-lhe dar uma explicação. Há de ter notado que ligo pouco ao que os outros pensam de mim. Mas gosto de você e sinto que me seria penoso deixar subsistir em seu espírito uma impressão injusta.

Interrompeu-se a fim de reencher o cachimbo. Eu mantinha-me calado, de olhos baixos.

— Achou estranho — continuou — que eu não houvesse pedido satisfação àquele bêbado estouvado. Mas você há de convir que, tendo eu o direito de escolher a arma, a vida dele estava em minhas mãos e a minha quase fora de perigo. Poderia dar-se como causa dessa moderação a minha generosidade, porém não quero mentir. Se pudesse castigá-lo sem arriscar de modo nenhuma minha vida, não lhe teria perdoado.

Olhei Silvo com surpresa. Semelhante confissão acabou por me perturbar. Ele voltou a falar:

— É isso mesmo. Não tenho o direito de me expor à morte. Há seis anos recebi uma bofetada, e o meu inimigo ainda está vivo.

Espicaçou-me a curiosidade:

— Então não se bateram? Algum obstáculo terá impedido o encontro?

— Batemo-nos — retrucou Silvio —, e eis a lembrança do nosso duelo.

Levantou-se e tirou de uma caixa um gorro vermelho com a borla e os galões de ouro e o pôs na cabeça. O gorro estava atravessado por uma bala uma polegada acima da fronte.

— Você sabe que servi no regimento de hussardos de *** — continuou ele. — O meu caráter lhe é conhecido. Tenho o costume de ser o primeiro, e quando moço isto chegava a ser uma mania. Naquele tempo a briga estava na moda, e eu era o mais brigão do Exército. Nós nos vangloriávamos de grandes bebedeiras; cheguei a vencer em duelo o famigerado B***, cantado por D***. Os duelos ocorriam em nosso exército um por minuto: eu era testemunha ou participante ativo de todos eles. Meus colegas me admiravam; quanto aos comandantes, substituídos a cada momento, me consideravam um mal inevitável. Assim vivia gozando tranqüilamente (ou antes, inquietamente) a minha glória, quando um jovem oficial, de abastada e conhecida família, foi transferido para o nosso regimento. Nunca em minha vida vi tamanho felizardo. Imagine mocidade, espírito, beleza, a alegria mais louca, a mais despreocupada coragem, um nome conhecido, tanto dinheiro que ele nem chegava a contá-lo e que nunca lhe faltaria, e poderá calcular a impressão que ele produziu em nós. A minha hegemonia foi abalada. Seduzido pela minha fama, o jovem quis se fazer meu amigo, mas recebi-o friamente e ele se afastou de mim sem o menor pesar. Comecei a odiá-lo. Seu êxito no regimento e na sociedade feminina levou-me a completo desespero. Entrei a provocá-lo, mas o moço respondia a meus epigramas com epigramas que sempre me pareciam mais picantes e agudos que os meus, e era, pelo menos, mais alegres, pois ele brincava e eu estourava de raiva. Enfim, certo dia, vendo-o no baile oferecido por um proprietário polaco, ser objeto da atenção de todas as damas, principalmente da dona da casa — a qual já tivera ligação comigo —, cheguei-me a ele e disse-lhe ao ouvido alguma vulgar insolência. Enfureceu-se e deu-me uma bofetada. Pegamos da espada; várias damas desmaiaram. Fomos, porém, separados. Na mesma noite devíamos encontrar-nos em duelo.

Amanhecia. Eu, no lugar combinado, em companhia de três testemunhas, aguardava meu adversário com indizível impaciência. O sol da primavera já surgira e principiara a nos aquecer quando ele apareceu. Vi-o de longe. Vinha a pé, o capote sobre a espada, acompanhado de uma testemunha. Fomos ao seu encontro. Ele se aproximava segurando na mão o quepe cheio de cerejas. As testemunhas mediram os doze passos. Eu devia atirar primeiro, mas a emoção da raiva me era tão forte que não confiava na exatidão do meu tiro e, para ter tempo de me acalmar, cedi-lhe o direito de atirar primeiro. Meu adversário não concordou. Ficou resolvido recorrermos à sorte. O primeiro tiro coube a ele, sempre favorito do destino. Apontou, e furou-me o gorro. Depois, foi a minha vez. Enfim, eu tinha sua vida em minhas mãos. Fitava-o com avidez, procurando descobrir pelo menos a sombra de uma inquietação. Ele estava diante de minha pistola, tirava do quepe as cerejas maduras e

cuspia os caroços, que voavam até mim. Essa indiferença me exasperava. — "Que me importa? — pensei — tirar-lhe a vida agora que ele a aprecia tão pouco?" Um pensamento perverso atravessou-me o cérebro. Baixei minha arma. — "Parece-me — disse-lhe eu — que está pouco disposto a morrer agora, pois resolveu tomar a merenda; não quero incomodá-lo". — "Você não me incomoda, absolutamente — respondeu ele — Tenha a bondade de atirar. Aliás, faça como entender. Fique com seu tiro; por mim, estarei sempre à sua disposição." Dirigi-me às testemunhas e declarei que por enquanto não fazia questão de atirar. Assim, terminou o duelo. Renunciei à minha patente e exilei-me neste lugarejo. Desde então, porém, não decorreu um dia sem que eu pensasse na vingança. Afinal, chegou minha hora.

Tirou do bolso a carta recebida e passou-a às minhas mãos. Alguém informava-o de Moscou que "a pessoa em apreço" ia casar com uma rapariga jovem e bonita.

— Você já suspeita — continuou — quem é a "pessoa em apreço". Vou partir para Moscou. Veremos se ele receberá a morte agora, na véspera de suas núpcias, como quando ia acolhê-la com cerejas na mão.

Com estas palavras, levantou-se, atirou o gorro ao chão e pôs-se a andar pelo quarto como um tigre em sua jaula. Eu, que o tinha ouvido sem me mexer, sentia-me agitado por estranhos sentimentos contraditórios.

Entrou um criado e anunciou que os cavalos estavam prontos. Silvio me apertou a mão com força. Abraçamo-nos. Sentou-se no carro, onde já se viam duas malas, uma com suas pistolas e outra com a sua bagagem. Despedimo-nos mais uma vez, e os cavalos partiram a galope.

## II

Correram alguns anos. Negócios de família me obrigaram a estabelecer-me numa aldeia no distrito de N***. Ocupado com meus bens, não parava de suspirar em silêncio pela minha antiga existência, ruidosa e despreocupada. O mais penoso para mim foi me acostumar a passar as noites de primavera e de inverno na solidão mais completa. Até o jantar, conseguia matar o tempo desta ou daquela maneira, conversando com o estarote, fiscalizando os trabalhadores, visitando as obras; mas, apenas começava a baixar a noite, não sabia o que fazer. Os poucos livros que achei debaixo dos armários e na despensa, já os sabia de cor; as fábulas que Kirilovna, a despenseira, conhecia, fizera-a contá-las várias vezes; as

canções das camponesas só me despertavam saudades. Reconheço que havia ali um licor excelente, porém ele me dava dor de cabeça; aliás, confesso que receava tornar-me um beberrão, um desses ébrios inveterados de que tantos tipos havia em meu distrito. Vizinhos próximos, não os tinha, a não ser dois ou três daqueles ébrios, cuja conversação se constituía principalmente de soluços e suspiros. Preferível a solidão.

A quatro verstas de mim havia uma rica propriedade, pertencente à Condessa B***, porém só o administrador vivia ali. A Condessa não visitara a sua propriedade senão uma vez só, no primeiro ano de seu casamento, e mesmo então não passara lá mais de um mês. Mas durante a segunda primavera do meu isolamento correu a notícia que ela viria com o marido veranear na sua aldeia. Chegaram os dois, no começo de junho.

A chegada de um vizinho rico é um acontecimento na vida dos aldeãos. Os fazendeiros e sua criadagem comentam-na dois meses antes e três anos depois. De mim, confesso que a notícia da chegada de uma vizinha jovem e bonita me provocou forte impressão. Ardia de impaciência por vê-la, e logo no primeiro domingo seguinte à sua vinda, após o almoço, pus-me a caminho da aldeia para me apresentar a ela como seu vizinho mais próximo e seu mais humilde criado.

— Um lacaio me introduziu no gabinete do Conde e saiu para me anunciar. O gabinete era ornado com o maior luxo possível. Ao longo das paredes viam-se estantes com livros, um busto de bronze sobre cada uma delas; sobre a lareira havia um grande espelho; o chão estava coberto de estofo verde e tapetes. Havendo perdido, no meu cantinho pobre, o hábito do luxo, e não tendo contemplado, desde muito, a riqueza alheia, fiquei acanhado e aguardei o Conde com a timidez dum solicitante provinciano à espera do ministro. Abriram-se as portas. Entrou um rapaz dos seus trinta e dois anos, de bela aparência. Aproximou-se de mim com fisionomia aberta e amiga. Peguei a retomar coragem, e ia dar os cumprimentos de praxe, porém ele me precedeu. Sentamo-nos. A sua palestra, fluente e cortês, logo me dissipou a reserva de solitário, e já voltava a adotar minhas maneiras normais, quando de repente entrou a Condessa, tornando-me ainda mais enleado. Era realmente de uma grande beleza. O Conde fez a apresentação. Eu queria mostrar-me à vontade, mas quanto mais procurava assumir um ar desembaraçado, tanto mais crescia em mim o sentimento de minha bronquice. Meus hospedeiros, para me darem tempo de reassumir uma atitude e de me acostumar aos novos conhecidos, puseram-se a falar entre si, tratando-me sem constrangimento como a um bom vizinho. Nesse ínterim, pus-me a passar pela sala, observando os livros e os quadros. Não sou conhecedor de pintura, mas um destes me atraiu a atenção. Representava alguma

paisagem da Suíça, porém o que me surpreendeu não foi a arte do pintor, e sim o fato de estar o quadro furado por duas balas, alojadas quase no mesmo ponto.

— Um belo tiro — disse eu, dirigindo-me ao Conde.

— Sim — respondeu —, um tiro notável. O senhor atira bem?

— Regularmente — repliquei, contente de ver enfim a conversa tomar um rumo que me era familiar. — A trinta passos de distância não erro a dama de uma carta; bem entendido, quando atiro com pistola que já conheço.

— É verdade? — perguntou a Condessa com visível atenção.

— E tu, meu amigo, acertarás também uma carta a trinta passos?

— Temos de experimentá-lo uma vez — respondeu o Conde.

— Tempos atrás eu não era mau atirador, mas agora já faz quatro anos que não pego uma pistola.

— Assim sendo — observei —, aposto que V. Excia. Já não acerta na carta nem sequer a vinte passos. A pistola exige exercício cotidiano. Eu o sei por experiência própria. No regimento, passava por um dos melhores atiradores. Aconteceu-me certa vez não pegar na pistola durante um mês inteiro; as minhas estavam em conserto. Acreditarão que quando voltei a atirar pela primeira vez, errei quatro vezes sucessivas uma garrafa a vinte e cinco passos de distância. Havia entre nós um capitão, homem espirituoso, gracejador, que estava presente nessa ocasião e que me disse: — "Até parece, amigo, que a tua mão é incapaz de fazer mal a uma garrafa." Não, Excelência, não devemos descuidar do exercício; sem ele, a gente perde totalmente o hábito. O melhor atirador que tive oportunidade de encontrar atirava todos os dias pelo menos três vezes antes do almoço. Para ele, isto se tornara um hábito como o copo de vodca.

O Conde e a Condessa pareciam contentes de me ouvir.

— Como é que ele atirava? — perguntou o Conde.

— Fazia assim. Via, por exemplo, uma mosca pousada na parede... está rindo, Sra. Condessa? Palavra de honra, estou dizendo a verdade. Bem, via uma mosca pousada na parede. Gritava: — "Kuzka, uma pistola!" Kuska trazia a pistola carregada. Pum! E lá estava a mosca achatada contra a parede!

— É incrível! — disse o Conde. — Como se chamava ele?

— Sílvio, Excelência.

— Sílvio! — exclamou o Conde, levantando-se d um pulo. — O senhor conheceu Silvio?

— Como não o teria conhecido, Excelência? Éramos amigos. Ele era recebido em nosso regimento como um camarada. Há cinco anos, porém, que não tenho nenhuma notícia a respeito dele. Então V. Excia. também o conhecia?

— Conheci-o bastante. Ele não lhe terá falado de certo incidente estranho?

— V. Excia. Alude à bofetada que ele levou num baile, de certo doidivanas?

— Ele disse-lhe o nome desse doidivanas?

— Não, Excelência, não me disse... Ah, Excelência — continuei, começando a suspeitar a verdade —, perdoe... eu não sabia... será que foi V. Excia?

— Fui eu mesmo — respondeu o Conde com ar muito perturbado. — O quadro atravessado de balas é a lembrança do nosso último encontro.

— Meu querido — interrompeu-o a Condessa —, não o conte, pelo amor de Deus; tenho medo de ouvi-lo.

— Não — objetou o Conde —, vou contar tudo. Ele sabe como eu ofendi o seu amigo, deve saber também como Silvio se vingou de mim.

— Nisto, puxou uma poltrona e fez-me o seguinte relato, que escutei com a mais viva curiosidade.

— Casei-me há cinco anos. Viemos passar nesta aldeia o primeiro mês, a lua-de-mel. Devo a esta casa os minutos mais belos da minha vida, mas também uma das minhas recordações mais penosas. Uma tarde fomos dar um passeio a cavalo. Não sei por quê, a montaria de minha mulher empacou; ela assustou-se, entregou-me o cabresto e voltou para casa a pé. Fui na frente dela. No quintal vi uma caleça de viagem, e o criado anunciou-me que havia no meu gabinete um rapaz que não queria dizer o nome, mas insistia em falar comigo. Entrei aqui, nesta sala, e vi na escuridão um homem coberto de poeira, com a barba crescida. Estava aqui, perto da lareira. Aproximei-me dele, procurando lembrar-me dos seus traços. — “Não me reconheces, Conde?” — disse-me com voz trêmula. — “Sílvio!” — exclamei, e confesso que senti os cabelos arrepiarem-se. — “Exatamente — replicou —, vim para descarregar a minha pistola. Estás pronto?” A arma lhe emergia de um dos bolsos. Medi a distância de doze passos e parei lá no canto, pedindo-lhe que

atirasse logo, antes de minha esposa voltar. Mas ele se demorou, pediu luz. Mandei trazer velas, fechei as portas, ordenei que não entrasse ninguém e pedi outra vez a Sílvio que atirasse. Ele ergueu a pistola, aprontou... Eu contava os segundos... pensava nela... Passou-se um minuto horrível. Silvio baixou o braço. — "Sinto muito — disse — que a minha pistola não esteja carregada de caroços de cereja... a bala é pesada. Parece-me que o que estamos praticando não é um duelo, mas um assassinato. Não estou acostumado a atirar contra pessoas desarmadas. Principiemos outra vez, vamos decidir pela sorte quem deverá atirar primeiro." A cabeça rodava-me... parece que não quis consentir. Por fim, carregamos outra pistola, ele enrolou dois bilhetes e colocou-os no gorro atravessado outrora pelo meu tiro; outra vez o primeiro lugar coube a mim. — "Tens uma sorte dos diabos, Conde", — disse-me com um sorriso de escárnio que jamais esquecerei. Não compreendo o que me aconteceu, como ele pôde obrigar-me a isso... o fato é que atirei e a minha bala furou aquele quadro. (O Conde apontou-me com um dedo o quadro furado. Tinha o rosto em brasa. A Condessa estava mais pálida que o seu lenço; por mim, não pude conter uma exclamação.) Atirei — prosseguiu o Conde —, e, graças a Deus, errei o alvo; entoa Silvio, que naquele momento foi deveras terrível, pôs-se a mirar-me outra vez. De súbito abriu-se a porta, Macha entrou correndo e com um grito lançou-se-me ao pescoço. A presença dela restituiu-me a coragem. — "Querida — disse —, não vês que estamos brincando? Como te espantaste! Vai, bebe um pouco d'água e volta aqui; vou apresentar-te um velho amigo e camarada." Macha porém continuava intranqüila: — "Diga-me, senhor: meu marido está falando a verdade? — perguntou, voltando-se para o terrível Sílvio. — É verdade que os dois estão brincando?" — Ele brinca sempre, Condessa, — respondeu Silvio. — Certa vez, por brincadeira, deu-me uma bofetada; outra vez, por brincadeira, furou-me este gorro com uma bala. Agora mesmo, brincando, por um triz não acertou em mim. Mas agora sou eu que tenho vontade de brincar..." A esta palavra, fez menção de alvejar-me na presença dela! Macha atirou-se-lhe aos pés. — "Levanta-te, Macha! — gritei, furioso. — Tem vergonha! E o senhor não vai deixar de atormentar essa pobre mulher? Quer atirar ou não?" — "Não quero — respondeu Sílvio — Estou satisfeito. Vi a tua confusão, o teu medo. Forcei-te a atirar em mim, estou satisfeito. Lembrar-te-ás de mim. Entregou-te à tua consciência." Nisto ia sair, mas se deteve à porta, olhou para o quadro furado pelo meu tiro, atirou contra ele quase sem apontar, e desapareceu. Minha mulher tinha desmaiado; os criados não se atreviam a detê-lo e miravam-no estupefatos. Ele saiu pela escadaria, chamou o cocheiro e desapareceu antes mesmo que tivesse tempo de tornar a mim.

O Conde calou-se. Destarte vim a saber o fim de uma história cujo começo me enchera outrora de espanto. Quanto ao herói dela, nunca mais o encontrei. Contam que Sílvio, no momento da expedição de Alexandre Ypsilanti, comandava destacamento de heteristas e morreu na batalha de Skuliani.